
OS PROCESSOS DE LEITURA, A PERCEPÇÃO E AS FUNÇÕES DO TEXTO LITERÁRIO

Eliane Maria de Oliveira Giacon¹²

RESUMO: O artigo pretende discutir questões relativas aos processos de leitura, as funções do texto literário e a percepção, que contribuem para o desenvolvimento de determinadas áreas do cérebro. Para tanto há a pretensão desmistificar a ideia de que há receitas e manuais de leitura, mas sim que a partir do conhecimento de como o cérebro funciona, os professores podem constituir seus métodos e a escolha dos textos literários apropriados a cada situação de leitura. Todas as indagações e estudos estão baseados em leituras e na proposição de uma teoria de que o texto literário é um aliado para o desenvolvimento da percepção do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, Percepção, Literário.

ABSTRACT: *The article aims to discuss issues related to the processes of reading, the functions of the literary text and perception, which contribute to the development of certain areas of the brain. For both there is the claim that there are Demystifying recipes and read manuals, but that from the knowledge of how the brain works, teachers can constitute its methods and the choice of literary texts suitable for each situation. All the inquiries and studies are based on readings and on the proposition of a theory that the literary text is an ally to the development of the perception of the reader.*

KEYWORDS: Reading, Perception, Literary.

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre o ensino de leitura e ensino de Literatura, mas muito também está perdido em matéria de propostas, que visem à introdução do ensino de leitura por meio do texto literário. O texto literário tem servido de pretexto para ensino de gramática e

¹² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, professora do Mestrado em Letras e do PROFLETRAS, Responsável pelo Laboratório de Pesquisa em Acervos Pessoais Jindřich Trachta.

linguística. Ou muitas vezes ele tem servido para ser uma forma de incentivo à leitura. Relegados a um segundo plano ou muitas vezes visto como uma das partes do Ensino de Língua Portuguesa. A escolha do texto literário passa a ser um tanto seletiva, visto que apenas alguns escritores são elencados por editoras de livro didático e apresentados para os alunos, enquanto outros escritores e entre eles os regionais são pouco ou quase ainda conhecidos. O resultado é que da forma em que se encontra o ensino do texto literário no Ensino Fundamental, a Literatura perde seu sentido enquanto formadora de leitores, que conseguem desdobrar o texto.

A função do texto literário não é apenas ser objeto interpretativo, pois todos os textos o são. A função dele é fazer com que o leitor descubra o mecanismo de composição do mesmo e a partir deste ponto, seja possível por meio da observação e da comparação ser desenvolvido, no leitor, a capacidade de entender como as coisas do mundo funcionam.

O processo de leitura do texto literário segue todas as cinco propostas de Gilles Thérien(1990 – p.1-4): processo cognitivo, afetivo, argumentativo, simbólico, neurofisiológico , contudo há um dos processos que mais aproxima do efeito que o texto literário produz na formação da habilidade de compreensão do mundo. O processo, em questão, é o cognitivo, no qual os jogos de linguagem e de composição do texto estarão emergindo das malhas do texto na medida em que o leitor for treinando, a forma com que ele percebe a continuidade da leitura. Ler o texto literário não é aprender a ler, não é interpretar a leitura, não é tentar responder a indagações, ler o texto literário é aquilo que João Cabral diz sobre o feijão jogado na água, que aos poucos as partículas mais leves sobem um constante catar feijões. E só se cata os feijões, ou seja, se percebe o mecanismo da leitura, se for desenvolvido um processo consciente por parte do professor de indutor, mediador, facilitador, formador, de leitor, ou seja, o nome que quiserem dar de acordo com teoria A, B ou C, mas que seja alguém, que pelo seu conhecimento de leitura, enquanto leitor possa de forma hermenêutica ir aos poucos e etapas, levando o seu aluno reconhecer os mecanismos de linguagem do texto literário e aplicá-los em qualquer outra leitura independente da área de do conhecimento.

E por que isso não ocorre se os livros sobre letramento literário, formação de leitor, leitor consciente abundam o mercado. Porque não há formula mágica, visto que ninguém ensina a leitura, pois se fosse assim já teríamos resolvido isso no Brasil há muito tempo. Leitura é método contínuo e não pontual. Leitura não é a escola ter a maior biblioteca do mundo. Nem

tão pouco a escola não ter livros e devido a isso a formação do leitor ser dificultada. Leitores é o que mais há na sociedade, afinal somos uma sociedade das letras. Tudo é escrito desde o texto, aqui que vos fala em forma de projeto, até o último os processos jurídicos. O que falta é a leitura do texto literário, pois a leitura dele é um processo contínuo, que deve iniciar, nos primeiros anos, e ir até a vida adulta. Entender a forma e a fôrma do texto literário significa desvendar um enigma, conhecer um labirinto e para tanto não precisa de tantos métodos, apenas de ler o texto, seja como primeira leitura, leitor ingênuo até uma leitura apurada. E como isso chega às salas de aula, como isso chega ao professor, como isso pode ser feito? Receita mágica não há o que necessitamos são de estudos, nos quais três coisas possam ficar bem claras não só para professor como também para qualquer estudioso no assunto: uma se refere às funções do texto literário; a outra aos processos de leitura e por fim a que se refere a percepção do mundo que rodeia o leitor.

Discutir e tentar promover um espaço para que deixemos de ser mecanicistas e fazedores de fórmulas mágicas de como ensinar leitura e passarmos para algo mais apropriado, que a nosso ver seria estudar a percepção, a funções do texto literário e os processos de leitura. Estaria assim sendo instaurada uma visão, que não é nova, mas que auxiliaria professores na hora de eles mesmos criarem métodos de ensino de leitura e não queiram que os métodos venham a resolver o problema dos alunos não lerem. Iniciemos nossa jornada não com a pretensão de exaurir este assunto, mas de fazer com que ele possa ser um alerta a pesquisadores e professores, que tentam resolver o problema da leitura e acabam com soluções parciais ou aplicadas apenas aqueles alunos que gostam de ler ou que aprenderam a perceber a leitura do texto literário desde a infância por influência familiar. Assim não vale.

1 O TEXTO LITERÁRIO E O ENSINO DE LITERATURA

Iniciamos nossas indagações remontando o que diz Luiz Eduardo Oliveira a respeito do porque da Literatura não ter contribuído para incentivar a leitura, visto que a escola dá mais ênfase “sobre a história da literária em detrimento do texto literário” (2008 p.39), logo a tendência é mais de um decoreba constante de dados do que o contato do aluno com o texto literário. Seria essa uma consequência do ensino de Literatura, nos cursos de Letras ou uma continuidade a uma forma arraigada de tentar atrair o leitor com dados subliminares ao texto.

Pensemos sobre como a Literatura, durante muito tempo, perpassou e foi perpassada por muitas outras áreas do conhecimento como a História, Filosofia, Linguística, Psicologia, Artes e uma sequência quase que infinita de outras percepções sobre a vida e o pensamento da humanidade. Percepção do mundo e das coisas, que não se apresenta como “um acontecimento no mundo ao qual se possa aplicar, por exemplo, uma categoria, mas que a cada momento passa como uma recriação ou re-constituição do mundo”(MERLEAU-PONTY, 2011, p.279), o qual o texto literário tenta recompor e reestruturar por meio da linguagem a percepção primeira do autor, visto que o primeiro a perceber o mundo é o autor, que por uma forma lateral de não se incluir no texto, se substitui por um narrador. Assim quando o ensino de Literatura preza pelos dados da vida e da época em que o texto literário foi criado, ele desencadeia no leitor uma pré-leitura, ao tentar atribuir ao acontecimento uma categoria.

Não estaria o ensino de Literatura, ao sair do texto e aplicar dados do tempo, da vida e da obra do escritor reforçando a ideia de que a percepção de mundo passa por um crivo político de quem elabora tanto os manuais quanto a Historiografia Literária. Não seria o ensino que distancia o texto literário da percepção e dos sentidos, que deram origem a um determinado acontecimento, que relatado por um texto literário se torna a extensão de um estar no mundo, que poderia ou pode ser a realização finita da presença do humano. E por fim extrapolar a essência do humano, no texto literário, não poderia levar o aluno a entender e entender-se sobre o prisma da percepção do mundo relativo que o rodeia.

Pensar no texto literário como uma ponte entre e a formação do leitor e o bom leitor. Ou deusas como um pretexto para criar dicas e manuais de como ler, seria muito pouco, mas e se, por conseguinte não ensinássemos nada, porque ninguém pode ensinar a percepção, ela se expande na medida em que “o mundo não é perfeitamente explícito diante de nós, porque ele se desdobra pouco a pouco e nunca inteiramente” ”(MERLEAU-PONTY, 2011, p.280), deixando falhas a serem preenchidas pela linguagem, pelo texto em construção constante, logo o texto literário participa deste processo de percepção, na medida em que ele se desdobra a cada novo leitor, a cada nova geração, assim para que ensinar o texto literário e o que o rodeia, o que precisamos e devemos ensinar é como perceber o texto literário a partir da leitura de cada uma de suas partes. E sentir como se as cores, que vão perpassando as páginas possam não serem capturadas como vermelha dilacerante ou verde reconfortante, mas sempre como uma das percepção do espectro chamado luz.

Não se perde tempo em dizer que não ensinamos leitura, pois não ensinamos mesmo, não se perde tempo dizendo que não ensinamos o texto literário, pois não ensinamos mesmo, perdemos tempo quando dizemos que estamos tentando criar métodos de ensinar o texto literário, ou quando gastamos muitas páginas montando esquemas para que os professores possam continuar tendo manuais de como ensinar literatura. E ainda quando em palestras nos perguntam: Como fazer para que o meu aluno goste de ler? Pobre de quem pergunta e pobre de quem responde e pobre também de quem aprendeu Literatura no curso de Letras como datas, época e vida de autor.

Falamos de cada grupo de pobre: Pobre de quem pergunta. Pobre porque está tão inserido numa máquina de ensinar, a qual renega lhe renega apenas uma fração da sua função de educação. Fração esta, na qual o ato de ensinar sobrepõe o processo de percepção do mundo que rodeia o aluno. Não é com fórmulas mágicas ou com círculos de leitura ou com leituras paralelas, ou ainda com a leitura do texto literário sendo encenado ou anexado a outras artes, que teremos a formação de leitores. A formação de leitores é o destino final de um sistema muito mais elaborado, no qual o cérebro humano percebe as dimensões, que nos rodeiam, cujo local ocupa-se e a partir de onde o ser está ele passa semelhante a um brinquedo chamado diabolô a captar tudo que o rodeia. O ato de perceber, captar, sintonizar é que faz com que ler seja uma das atividades do ser, que não é natural, ela é artificial, visto que ninguém nasce lendo, nem tão pouco necessária para que ele possa comer, beber, fazer necessidades fisiológicas ou até mesmo procriar. A leitura e nisto colocamos a leitura literária, ela não é natural, ela é aprendida e apreendida, logo necessita de um sistema que force o leitor a ativar a percepção das palavras, que ativam partes de seu cérebro. São as partes do cérebro a serem afetadas, que devem ser ativadas. E ler o texto literário é pressuposto básico para isso. Não ler o texto literário significa que a percepção de mundo estará comprometida, pois partes significativas, que localizam o ser no espaço e no tempo não serão ativadas.

2 AS FUNÇÕES DO TEXTO LITERÁRIO E A PERCEPÇÃO

Quando o assunto é ler o texto literário a primeira coisa, que pensamos e que falamos são forçosamente discutir que métodos seriam mais eficazes para ler. E o ler pressupõe a total decodificação do texto, que passa pelos olhos, que levam da retina ao nervo ótico e pronto: está

no cérebro. Errado, errado e errado cem mil vezes. Isso porque ler o texto literário não pressupõe que todas as leituras de todas as pessoas possam se comportar da mesma maneira. Nem tudo entra no cérebro da mesma forma. Algumas vezes pensamos que estamos lendo e pensamos que o texto está entrando, no cérebro, mas levamos pelo mesmo um bom tempo para perceber, que nada entrou ou nada que possamos atribuir conteúdo a leitura. Outras vezes pensamos que nada entrou, mas mensagens sublinhaves não só entraram como estão ativando a nossa percepção de mundo. Desta forma o texto literário por sua composição basear-se em figuras de linguagem, de estilo e também por ser a realização plena da linguagem, a estrutura linguística ser conotativa, ele pode e faz com que por meio dos elementos narrativos, líricos e dramáticos, o leitor sinta os efeitos da catarse, que é uma das funções desta tipologia textual.

Na medida em que o texto literário com suas funções, que são as mesmas da Literatura: “estética [arte da palavra e expressão do belo], lúdica[provocar um prazer], cognitiva[forma de conhecimento de uma realidade], catártica[purificação dos sentimentos] e pragmática[pregação de uma ideologia](D’ONOFRIO, 2002, p.23) se alia aos processos de leitura assinalados por Gilles Thérien (1990, p1-4) há o que chamaremos de Centro de Ativação Cerebral.(CAC), porque se por um lado as funções do texto literário ativam a leitura, por outro o cérebro recebe por meio dos processos o texto. O texto literário, como já dito, exerce uma importância de ativador do CAC, visto que a percepção espacial do leitor ela se desloca de onde ele está para onde o texto o leva. De tal forma que até reações físicas podem ser percebidas em leitores. Suspensão da sede, da fome, do desejo de fazer necessidades, bem como até os desejos sexuais são aguçados, na medida em que o texto o leve a sentir as mesmas sensações do personagem.

As funções do texto literário como citado são as seguintes: estética, lúdica, cognitiva, catártica e pragmática: a estética é aquela, que cumpre o papel de fazer o ato de escrever literário diferente dos outros. Considera-se um texto como literário se ele cumprir a função de representar de forma artística o real. Na arte em geral a estética de um quadro ou de uma pintura depende da forma com que o artista combina as cores e as formas; no texto literário combina-se forma e conteúdo. Para tanto o artista literário utiliza os mecanismos de cada gênero. Um gênero lírico distingue do dramático, não apenas por nomenclatura, mas pela forma e pelo conteúdo. No lírico há o emprego da percepção do eu poemático em relação ao real, em contrapartida no dramático some o eu poemático e entra em cena a falas dos personagens. A função estética muitas vezes ocorre pelo estranhamento que uma obra causa. Observe os

exemplos abaixo: “Discreta e formosíssima Maria/[...]Em tuas faces a rosa Aurora/[...]Oh não aguardes que a madura idade/Te converta essa flor, essa beleza/ Em terra, em cinza, em pó, em sombra/ em nada”. Nesse excerto do poema lírico *A Maria de Povos, sua futura Esposa* de Gregório de Matos é possível perceber a descrição da beleza feminina como forma estética, que se decompõe com o tempo.

No próximo texto de Guimarães Rosa, a função estética ocorre pelo tom filosofante, que a linguagem roseana adquire e que pode ser observada nesse excerto da obra *Grande Sertão: veredas*(1956). “Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece de religião: para se desendoidecer, desdoidar” (p. 54) Tom este que discute temas universais e a função da religião para que o prefixo *des* seja elemento modificador do homem. Pela negação da verdade real, o homem utiliza o místico (religião).Os dois textos citados são exemplos de como a literatura define-se não apenas como conceito, mas sim por funções que ela pode exercer como ocorre com a função lúdica.

A função lúdica do texto literário ativa áreas do cérebro, que levam o leitor a perceber sua localização espacial em relação ao seu posicionamento em relação ao gosto, ao sublime e ao belo, pois a composição textual ocorre por meio de um jogo, no qual o artista executa a literatura por prazer, que pode ser como forma de trabalho ou até mesmo como um passatempo, e o leitor sente o prazer de ler um texto. O processo de leitura necessita de dois componentes: o emissor e o receptor para se realizar e eles não convivem simultaneamente, mas por meio da linguagem e da composição do texto literário ocorre um pacto ente os dois.

Às vezes o autor se distancia do leitor, em outras ele o traz para bem perto de si como ocorre com Machado de Assis, que em várias passagens diz ao leitor que a escrita é uma forma de passar o tempo. Ao mesmo tempo em que ele diz ser um jogo a arte de escrever, ele convoca o leitor para que este seja um leitor ruminante e possa assim digerir um texto de forma totalizante. Se um o leitor rumina um texto literário, que se configura em ludicidade, os jogos entre o ser e o estar no mundo passam a ativar o CAC, o que faz com que no decorrer de outras leituras a memória textual possa sempre ser acessada por este leitor.

A função cognitiva do texto evidencia que as informações contidas no texto literário possam ser informações tanto superficiais sobre o tempo e espaço em que os fatos ocorreram

como também possa ser mais profundas, quando ao ativar as funções de armazenamento de conhecimento, nos substratos do cérebro, as informações adquiridas num texto literário produzem certo grau de conhecimento, que é passado ao leitor. Este por sua vez o incorpora no seu fazer diário, de tal forma que com o passar do tempo, sendo essas histórias um material ficcional, elas não deixa de ser um conhecimento a ser repassado. Um exemplo desse tipo de função da literatura ocorre nesse excerto de *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*:

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia[...] E, bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão[...] (BARRETO, 1915)

O conhecimento sobre o personagem e a relação deste com o discurso sobre pátria não seria um saber a mais a ser incorporado pelo leitor? Seria sim e tanto que é feito visto que o discurso de Quaresma via carnavalização dos discursos de identidade passa a ser incorporado pelo leitor, abrindo várias perspectivas de leitura desta obra e de outras, que a remetem.

Outra função, que a princípio citamos, é a catártica porque consideramos que é ela, que leva o leitor a ativar a percepção de seu mundo e de seu corpo, em relação ao espaço, que ele ocupa e o espaço que seu corpo interage com outros. A catártica ou catarse, apontada por Aristóteles, é aquela função que faz com que o leitor purifique os seus sentimentos ao se defrontar com uma obra literária. Isso ocorre por vários fatores e depende muito da vivência de leitura do leitor e da capacidade do escritor de aguçar a imaginação do leitor. Nas peças teatrais e no cinema, essa função atinge seu grau máximo pelo uso das faculdades de visão e audição, contudo nos textos literários é necessário que o escritor faça o leitor percorrer um caminho tortuoso até o conflito para tingir o máximo do grau catártico de uma obra. Alguns contos fazem isso como é o caso de *Pai contra mãe* de Machado de Assis, no qual para salvar o seu filho da fome, um caçador de recompensas entrega uma negra grávida e fugitiva. Ele a joga com tanta violência aos pés do dono, que ela ali na frente deles aborta a criança. O efeito de catarse no leitor faz com que este avalie os valores referentes ao direito à vida e as ideologias que são pregadas pela humanidade.

Na função catártica a percepção do corpo tanto do leitor quanto dos personagens ativa o Centro de Ativação Cerebral, na medida em que a palavra lida no texto literário não é mais um conjunto de letras, mas sim a apresentação visual de um complexo linguístico, no qual cada

uma das ações praticadas e da trama urdida leva o leitor a ligar o seu corpo e a estruturá-lo em um campo visual, que não é mais aquele que está se situa, mas sim no que o texto literário cria para ele. Neste espaço o seu “corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual as acolhe.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 317). Ao acolher as palavras, o cérebro do leitor o faz vivenciar o mundo ficcional, no qual ele adentra e passa a sentir seu corpo, em outro espaço. O caminho traçado pelo personagem e suas dores e conflitos não são só de um corpo ficcional criado por meio de palavras, eles são uma forma do leitor sentir e vivenciar situações em espaços, que o seu corpo nunca ocuparia, naquilo, que denominamos de realidade, a fim de por ordem no caos. Ao terminar a leitura, o cérebro não desliga, visto que as emoções são vivenciadas em outros momentos, contudo há um resultado prático deste processo de ativar o CAC, que se desdobra nas possibilidades do sujeito leitor de se relacionar melhor com os outros corpos, que ocupam o espaço denominado realidade. O cérebro treinado o ajudará a sobreviver em situações, cujo escopo for distanciar da situação para analisá-la sob a luz do pragmatismo.

A última função do texto literário é a pragmática, que se refere à capacidade da arte literária em pregar uma ideologia. Pregar uma ideologia em Literatura Brasileira tem ocorrido com mais frequência do que os leitores e críticos possam imaginar. Obras do Romantismo como *Iracema* (1857) de José de Alencar, cujo projeto era fazer um romance que contasse a origem do povo cearense, em termos do mestiço, o brasileiro, a fim de escrever um discurso de identidade nacional via entrelaçamento entre branco e índio. Nesta composição ideológica, o negro por ter transplantado e não elemento autóctone, não é figura nas obras de Alencar de fundação da nacionalidade brasileira. No Modernismo a obra *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade prega um discurso ideológico voltado para a brasilidade via superposição das etnias e da cultura dos negros, brancos e índios, centrada na figura de Macunaíma. O personagem viaja pelo Brasil em busca de uma pedra mágica e neste percurso, ele se encontra frente a frente com a descoberta de um Brasil discursivo, que se representa em lendas e contos sobre a terra e seus mistérios. Macunaíma não desvenda mistérios como os heróis medievais, mas os absorve, a fim de ser tudo e tudo ser ele. Pois bem exemplificamos com textos literários o que seria promulgar

uma ideologia, uma forma de pensar ou até mesmo uma doutrina por meio do texto literário, a fim de influenciar a percepção de mundo do leitor.

Ao chegarmos à função pragmática, o texto literário, que até então era um ativador do CAC passa a ser uma forma linguística de promover um processo argumentativo, pois se o texto irá provocar a percepção do leitor quanto ao pragmatismo presente em sua composição, pois o texto literário não é ingênuo, ele possui a intenção ilocutória, que é agir sobre o leitor e de mudar seu comportamento.

Por meio da percepção de como um corpo se relaciona com o espaço, que ele ocupa e de como este corpo, este ser, este leitor se relaciona com o texto que ele lê pode-se formular a hipótese de que possuímos um Centro de Ativação Cerebral, no qual as funções do texto literário ativam este complexo, que por sua vez transforma esta leitura em percepção do mundo por meio de processos de leitura. Seria como se o texto ativasse ao mesmo tempo várias partes do cérebro, mas que elas fossem organizadas pelos processos de leitura, que canalizam como o texto literário atinge os sentidos e a percepção do leitor em relação ao seu corpo, as ideias, ao estar no mundo, e ao tempo em que os fatos ocorrem.

4 OS PROCESSOS DE LEITURA E A PERCEPÇÃO

Vicente Jouve (2002, p 17-22) discute os processos de leitura apresentados por Gilles Thérien(1990), a fim de demonstrar como os processos de leitura influenciam na forma com que um texto literário ou não é assimilado pelo leitor. Pois bem, se por um lado o texto literário possui funções, as quais discutimos, no tópico anterior, também existem forma do cérebro processar a leitura, que por não ser natural, ela a leitura, necessitou de um sistema de adaptação, o qual foi construído desde que o homem apareceu na Terra, quando por comparação ele passou a entender o mundo que o rodeava. Por meio de comparação com o mundo que nos rodeia, Isaac Newton sugeriu, no século XVII, a lei da gravitação universal; o mesmo fez com que Albert Einstein, no século XX, sugerisse a lei da relatividade. Se para a Física a observação e a comparação são elementos primordiais para qualquer teoria; para a ativação do CAC é a mesma coisa, pois existem processos de leitura, que a princípio, o homem usou para ler o mundo, que o rodeava e que, no momento da criação da escrita e da leitura da mesma, estes processos transpuseram a fenomenologia de ser algo a ser observado, comparado e testado para que tudo

passasse a ser processado dentro do cérebro por meio de setores a serem ativados. Quando o que foi lido retorna ao mundo por meio da fala e dos atos do leitor, ele já foi observado, comparado e testado, num espaço e num tempo, que só existe dentro do cérebro do leitor. No caso do texto literário o que é observado; o que é comparado e o que é testado passam a existir entre o mundo ficcional e o contrato feito do texto literário com os setores do cérebro, que foram ativados.

Voltemos agora aos processos de leitura e tomemos o neurofisiológico, no qual o ato de leitura é contínuo, pois os olhos pulam as palavras e reorganiza os signos à medida que o texto literário é percebido como algo concreto. Não é possível dizer que os olhos percebem em linha reta cada palavra e que elas são decodificadas de imediato, pois isso não ocorre, visto que ao chegar ao CAC, o cérebro aceita ou rejeita uma palavra que não conheça ao mesmo tempo em que outras palavras subjacentes e que muitas vezes estão num parágrafo seguinte são assimiladas de acordo com o grau de conhecimento preliminar sobre aquele signo. Portanto, o processo de leitura como um todo implica no conhecimento prévio de alguns signos, que são comparados pelo cérebro. Quanto mais signos uma pessoa conhecer ao longo de sua vida mais o processo neurofisiológico se refina.

O ato de decifrar uma texto pelo leitor “é mais fácil quando o texto comporta palavras breves, antigas, simples e polissêmicas. Por outro lado, como a capacidade de memória imediata de um leitor oscila entre oito e dezesseis palavras, as frases mais adaptadas aos quadros mentais do leitor são as curtas e estruturadas”(JOUVE,2002,p.18), logo pensemos no texto literário, qual seria nossa opção, seria usar a princípio, em sala de aula muitos textos líricos, visto que eles auxiliam o processo neurofisiológico de assimilação pelo CAC dos signos linguístico.

E quanto aos outros textos literários, o que fazer? Se há um processo de leitura, que é milenar, este mesmo também já se adaptou a uma questão muito antiga, que é a afetividade, visto que o ato de contar histórias pressupõe aproximar afetivamente o leitor do enredo. Por isso a expressão “Era uma vez” faz tanto sucesso. Sucesso que vem das emoções que ela suscita. “As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, o moto essencial da leitura de ficção. É porque elas provocam em nós admiração, piedade, riso ou simpatia que as personagens romanescas despertam o nosso interesse” (JOUVE, 2002, p.19). Os textos ficcionais, por meio do processo de afetividade ativam o CAC fazendo com que o leitor remonte à sua memória

afetiva, a fim de que ele possa sentir a catarse, que o texto literário proporciona. E quais textos desenvolvem e aprimoram o processo afetivo? O texto narrativo seria a resposta, ele deve ser introduzido primeiro com a leitura de alguém para alguém, depois com outras leituras como a em grupo, para por fim ele ser lido em momento de recolhimento.

Se o processo afetivo leva o leitor a reviver suas memórias afetivas e a escolher seus personagens por meio de comparação com o mundo (real), no qual seu corpo está inserido; por sua vez o processo simbólico ocorre, quando o leitor faz ao emergir do universo ficcional. No retorno, a percepção do corpo em relação aos outros corpos e ao mundo que o rodeia traduz os signos atribuindo um sentido à leitura.

O sentido que se tira da leitura (reagindo em face da história dos argumentos propostos, do jogo entre os pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui. Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo. (JOUVE, 2002, p.19).

O processo simbólico depende de onde e quando o leitor realiza suas leituras. O tempo e o espaço, que se fundem no cérebro do leitor passam por um processo de refinamento, quando ele acessa as memórias simbólicas relativas ao texto e as compara com a cultura, o tempo e o local, em que ele vive. Por isso ouvimos do aluno: *Mas que livro chato, era do tempo de guaraná de rolha*. Como o leitor não possui memória simbólica e condições para não se fixar no tempo da narrativa, mas na simbologia, que o texto atribuiu à existência humana, conflitos como os de irmãos, que se odeiam; pais que preferem um filho a outro; amores impossíveis, pecados sendo punidos, heróis e vilões são símbolos, que dantes não foram assimilados em leituras de textos dramáticos ou na sua encenação pelos alunos. Os textos literários ideais para ativar o processo simbólico de leitura são os dramáticos.

Dos processos de leitura há dois, que perpassam os outros, pois não são afetivos, neurofisiológicos, nem tão menos simbólicos, eles são o argumentativo e o cognitivo. Processos que se fundem na percepção da leitura, pois ao mesmo tempo em que há um processo de cognição, que tenta entender o que foi lido; há argumentativo, que possui a função de convencer o leitor.

O processo cognitivo faz com que o leitor, após decifrar os signos, ele tenta entender o que vai além do significante dentro do contexto da obra, assim a compreensão pode ser mínima ou complexa, conforme diz Jouve:

Essa compreensão pode ser mínima, dizendo respeito apenas à ação em curso. O leitor, totalmente preocupado em chegar ao fim, concentra-se então no encadeamento dos fatos: a atividade cognitiva serve-lhe para progredir rapidamente na intriga(...) quando os textos são mais complexos, o leitor pode, ao contrário, sacrificar a progressão em favor da interpretação.(2002, p. 18-19)

Textos literários curtos e de fácil compreensão são os ideais para que o leitor adquira ritmo de leitura; textos literários longos e com parágrafos mais elaborados são adquiridos aos poucos. Um exemplo são os leitores da Bíblia: quando eles são alfabetizados adultos e iniciam suas leituras, eles preferem os Salmos, visto que são textos mais simples; com o desenvolvimento da leitura e as leituras em grupos religiosos, bem como as interpretações coletivas, os leitores passam a procurar textos mais elaborados e de difícil compreensão. A palavra de Deus precisa ser entendida e interpretada. Consiste num desafio, que o leitor se impõe a si, visto que ele irá aos poucos entender o processo argumentativo, que o texto bíblico institui em sua vida.

Guardando devidas proporções do texto bíblico, o texto literário precisa ser um desafio ao leitor, a fim de que esta tipologia textual como resultado de uma criação organizada de forma ordenada dentro de um sistema maior, que a ele atribui nomes como romance, conto, novela, poema lírico, poema épico, texto dramático ou a mistura de vários gêneros, ele, o texto, é possível de ser analisado, a fim de que haja argumentos para uma tese sobre o mesmo.

O processo argumentativo faz com que, no CAC, os dados fornecidos pelo texto literário, processem de duas formas: a primeira no decorrer da leitura, quando há sempre momentos em que o leitor argumenta e discute com o texto concordando ou discordando; em segundo ao final da leitura: há uma revisão geral por parte do leitor, que em seu Centro de Atividade Celebra, ele separa o que aproxima e distancia o texto lido do mundo em que seu corpo habita, da cultura e religião, que o rodeia; do que ele possui de conhecimentos prévios de leitura e língua e por fim a percepção do leitor passará a argumentar com o texto. A tese, a antítese e a síntese se processam dentro do cérebro do leitor num processo de construir e

desconstruir argumentos até que o texto literário passe a fazer parte dos substratos do conhecimento do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta jornada, que não foi tão longa assim, pois tentamos em poucas páginas discutir e propor alternativas para que a leitura não seja fruto de uma sequência de manuais ou de propostas dizendo ao professor: *Faça isso, não faça aquilo. Agora é época disso, porque autor X diz que funciona*. Tudo parecendo receitas de forno e fogão, o que irrita aos poucos tanto o aluno como o professor. E buracos quilométricos são criados entre a verdadeira razão de ler, que é um dos maiores ganhos da humanidade e como a escola trabalha com a leitura. Se a leitura não é natural, mas foi sendo treinada pelo cérebro humano cabe a quem trabalha com leitura, entender como o processo funciona dentro do cérebro, porque cada cérebro de cada pessoa lê diferente, mas no geral existe um CAC, no qual as percepções de leitura e do mundo que rodeia os corpos estão ali inseridas.

Propor que haja uma mudança na forma de ver a leitura, não mais como uma obrigação da escola e como um *frenesi* de tentar em um único ano fazer do aluno um leitor. Ou ler para o vestibular; ou ainda ler porque o aluno precisa tirar nota; ou ler porque ele precisa como se fosse um remédio são formas ultrapassadas, que não cabem mais na educação.

Ler é antes de qualquer coisa um processo cerebral construído com o desenvolvimento da humanidade e deve ser visto e apresentado ao aluno desta forma. E não com um jogo de que ele precisa ler e pronto. Errado, ele deve saber desde os primeiros textos literários aos quais tiver acesso para que serve essa leitura e o que estará ocorrendo em seu cérebro a cada novo texto.

No decorrer deste texto, propomos a hipótese da junção dos processos cognitivos com as funções do texto literário, bem como este fenômeno afeta a percepção do leitor(ser humano) em relação a posição que seu corpo ocupa e como este corpo se relaciona com outros corpos. Para tanto intitulamos hipoteticamente a existência de um Centro de Atividade Cerebral (CAC), pelo qual os processos e as funções interagem, a fim de que áreas do cérebro do leitor possam ser ativadas.

Cabe agora ao leitor deste texto procurar leituras, que possam corroborar ou refutar estas hipóteses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

JOUVE, Vicente. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

MERLEAU-PONTY. Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. In SANTOS, Josalba Fabiana; OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **Literatura & Ensino**. 1.ed Maceió: EDUFAL, 2008.

THÉRIEN, Gilles. *Pour une sémiotique de la lecture*. **Protée**, v. 2-3, 1990